

Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste

Langue and langage as thought organizers in Saussure e Benveniste

Renata Trindade Severo*

RESUMO: Neste ensaio, procuramos avaliar se o desenvolvimento do pensamento benvenisteano ao longo — principalmente ao final — do artigo *Categorias do pensamento e categorias da língua* (1958) e no texto *Semiologia da língua* (1969) permite repensarmos o lugar ocupado pela língua no papel de intermediário entre o pensamento e sua expressão tal como essa relação é postulada por Saussure no Curso de linguística geral. Para tanto, propusemos o seguinte trajeto: partimos dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e em Benveniste e, a seguir, analisamos o emprego desses termos nos textos já citados. As análises nos levam a crer que é possível considerarmos que, além da língua, a linguagem — e suas manifestações como a música e as artes plásticas, por exemplo — podem desempenhar o papel intermediário entre pensamento e expressão.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Linguagem. Saussure. Benveniste.

ABSTRACT: in this essay, we tried to evaluate whether the development of Benveniste's thought throughout — especially at the end of — his article *Categories of thought and language* (1958) and in *The Semiology of Language* (1969) allows us to rethink the role language (*langue*) plays as an intermediary between thought and its expression as it is proposed by Saussure in Course on General Linguistics. Thus, we proposed the following path: we started at the concepts of *langue* and *langage* in Saussure and in Benveniste, next we analyzed these terms usage within the papers mentioned. Analyses lead us to believe that it is possible to consider that besides *langue*, *langage* — and its manifestations such as music and plastic arts, for instance — may be the intermediary between thought and expression.

KEYWORDS: Langue. Langage. Saussure. Benveniste.

* Professora de línguas portuguesa e inglesa, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), campus de Porto Alegre. Doutoranda em Estudos da Linguagem pela UFRGS. E-mail: renata.severo@poa.ifrs.edu.br

Introdução

Definir os conceitos de língua (*langue*) e de linguagem (*langage*) é um ato não apenas fundador dos princípios de uma teoria linguística como também um determinante em questões que possam vir a ser levantadas futuramente — inclusive aquelas cujo caráter não esteja relacionado aos interesses iniciais do campo. Cada um desses conceitos separadamente e a relação que se estabelece entre eles determinam o caráter de um pensamento linguístico e influenciam inclusive os estudos de outras áreas que queiram se relacionar com essa ou aquela corrente linguística. O que se afirma sobre língua e linguagem permite ou impossibilita a produção de arcabouços teóricos que possam ser empregados em outros campos. A própria diferença entre os dois termos nem sempre é clara, seja por serem frequentemente empregados como sinônimos, seja porque a própria língua não oferece duas palavras para que se marque essa diferença — como é o caso do inglês em que a palavra “language” refere-se ao idioma, ao sistema linguístico e à faculdade humana de linguagem. No francês, duas palavras — *langue* e *langage* — evocam conceitos diferentes, o que proporciona — ou provoca? — a marcação da diferença entre esses conceitos.

Uma das preocupações de Ferdinand de Saussure — linguista genebrino cujas aulas deram origem à obra considerada um dos fundamentos da linguística moderna, o Curso de Linguística Geral¹ — foi justamente operar de forma clara a diferenciação entre esses termos. Seguindo os passos do mestre, Émile Benveniste empregou os dois termos de forma quase sempre diferencial — se, em vários momentos, o emprego de um termo pelo outro é flagrante, em outros, encontramos a diferenciação proposta por Saussure retomada seja textual ou implicitamente².

Um momento na obra de Benveniste em que o emprego desses termos se dá de forma diferencial é o artigo *Categorias de pensamento e categorias de*

¹ Futuramente referido simplesmente como CLG.

² Como nos artigos sobre os quais nos debruçaremos neste ensaio.

*língua*³, de 1958 (BENVENISTE, 2005, p. 68-80). Já no primeiro parágrafo desse texto, o autor emprega “língua” quatro vezes e linguagem, duas. Por sabermos que em Benveniste esses termos evocam conceitos diferentes é que podemos começar a questionar o papel da língua como única organizadora do pensamento, ao final do texto de 1958.

Ainda que aparentemente não se verifique um uso impensado dos termos no artigo de 1958, o papel atribuído à língua inicialmente — qual seja, o de mediadora entre o pensamento e qualquer expressão possível — sofrerá um deslocamento ao longo do raciocínio apresentado nesse artigo. Além disso, tal papel parece não se sustentar quando examinado à luz de textos posteriores do autor, nomeadamente o artigo *Semiologia da língua*⁴ produzido em 1969.

Neste ensaio, procuraremos avaliar se o desenvolvimento do pensamento benvenisteano ao longo — principalmente ao final — do artigo de 1958 e no texto de 1969 permite repensarmos o lugar ocupado pela língua no papel de intermediário entre o pensamento e sua expressão tal como essa relação é postulada no início do texto de 1958. Com esse objetivo, propomos o seguinte trajeto: partiremos dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e em Benveniste e, a seguir, analisaremos o emprego desses termos nos textos já citados.

No texto de 1969, Benveniste desenvolve seu pensamento sobre língua e linguagem de forma mais ampla e aberta do que no texto de 1958. Acreditamos que tal abertura nos permite repensar o papel da língua como mediadora entre pensamento e expressão para propor a linguagem como detentora dessa capacidade. Esse posicionamento não é novo, sendo introduzido, ainda que de maneira rápida, no final do texto de 1958. Confiamos que tal mudança é essencial para considerarmos tanto a importância de outras manifestações de linguagem quanto à relação dos estudos da linguagem com tais manifestações.

³ Futuramente, nos referiremos a esse texto simplesmente como *Categorias*.

⁴ Futuramente, nos referiremos a esse texto simplesmente como *Semiologia*.

Língua e linguagem

Apresentar as definições de língua e linguagem de Saussure e de Benveniste seria, por si só, trabalho extenso e intenso. O que faremos aqui será simplesmente estabelecer para os fins desse ensaio uma definição de língua e de linguagem proposta no CLG e abraçada por Benveniste nos Problemas de linguística geral I e II⁵.

Língua e linguagem em Saussure

No CLG, podemos observar que Ferdinand de Saussure estabeleceu, entre outros parâmetros, a diferenciação entre língua e linguagem e a relação de uma com a outra:

Mas o que é a língua? Para nós, *ela não se confunde com a linguagem*; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um *produto social da faculdade de linguagem* e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para *permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos*. (SAUSSURE, 2004, p.17 — grifos nossos).

Essa citação é essencial para a discussão que aqui se propõe; nela, Saussure esclarece a diferença entre língua e linguagem e a relação entre elas: enquanto a linguagem é uma faculdade, a língua é aquilo que permite o exercício de tal faculdade. Para que não reste dúvida quanto a essa relação, logo a seguir, na mesma página, vemos que “o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional”.

É à língua que, no quinto capítulo do CLG, em um parágrafo intitulado “a língua como pensamento organizado na matéria fônica”, Saussure atribui o papel de organizadora do pensamento. Para o linguista, o “pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta” (SAUSSURE, 2004, p. 130) cuja

⁵ Futuramente referidos simplesmente como PLG I e PLG II, respectivamente.

distinção e organização são operadas pela língua, uma vez que essa serve como intermediária entre o pensamento e o som.

Em *Dernières leçons*, Benveniste retoma esse trecho do CLG na lição em que continua tratando do signo linguístico em Peirce e em Saussure: “Para Saussure, a língua organiza a linguagem” (BENVENISTE, 2012, p. 67, tradução nossa). Veremos a seguir que Benveniste já havia retomado a relação língua/pensamento — ainda que o tenha feito de uma forma um pouco diferente do linguista genebrino — em texto de 1958.

Língua e linguagem em dois momentos do pensamento benvenisteano

Categorias do pensamento e categorias da língua (1958)

Em *Categorias do pensamento e categorias da língua*, publicado em uma revista de filosofia em 1958, Benveniste analisa a relação entre pensamento e língua sob a perspectiva das categorias de cada um deles a fim de procurar desvendar a maneira como os dois se relacionam. No que poderíamos chamar de primeira parte do texto, o linguista revisita Saussure, sem citá-lo, atribuindo à língua o papel de organizadora do pensamento. Alguns excertos da página 69 desse artigo serão reproduzidos aqui para que possamos comentá-los:

[a língua] dá a sua *forma* ao conteúdo do pensamento (grifo do autor) (...)
esse conteúdo deve passar pela língua e tomar-lhe os quadros (...)
A forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade, mas primeiro a condição de realização do pensamento. (...) Fora isso, não há senão obscura volição, pensamento que se descarrega em gestos, mímica. (BENVENISTE, 2005, p.69).

Como os excertos demonstram, Benveniste não deixa espaço aqui para questionamentos acerca da necessidade da língua para a expressão — e até para a realização — do pensamento. Seguindo a linha de Saussure, a língua é apresentada como condição *sine qua non* para a apreensão do pensamento;

em sua ausência, o que resta é uma “volição obscura” — expressão que remete à “massa amorfa” de Saussure.

Tomemos esse terceiro trecho e o coloquemos em relação ao esquema saussuriano que ele evoca, o famoso desenho que relaciona — através da língua “como uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente” (SAUSSURE, 2004, p. 130) — dois planos indefinidos: o das “ideias confusas (A)” e o “plano não menos indeterminado dos sons (B)” (SAUSSURE, 2004, p. 130):

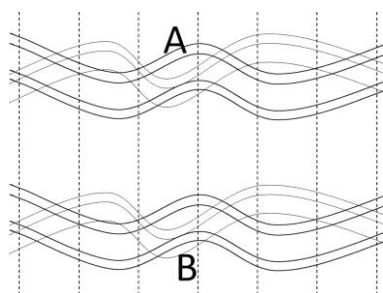


Figura 1: Língua entre pensamento e som

Se, em Saussure, o pensamento precisa da língua, pois essa tem o papel de “servir de intermediário entre o pensamento e o som” (SAUSSURE, 2004, p. 131), em Benveniste, o pensamento “recebe forma da língua e na língua, que é o molde de toda expressão possível”. Vê-se que não há discordância, Benveniste retorna a Saussure atribuindo à língua o mesmo papel de organizadora do pensamento. Se Saussure fala em

fato linguístico em seu conjunto, isto é, a língua como uma série de subdivisões contíguas, marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das ideias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (B) (SAUSSURE, 2004, p. 130),

Benveniste será mais específico:

Ora, essa língua configura-se no seu conjunto e enquanto totalidade. É, além do mais, organizada como combinação dos “signos” distintos e distintivos, suscetíveis, eles próprios, de decompor-se em unidades

inferiores ou de agrupar-se em unidades complexas. (...) Para tornar-se transmissível, esse conteúdo [do pensamento] deve ser distribuído entre morfemas de certas classes, organizadas numa certa ordem, etc. (BENVENISTE, 2005, p.69).

Inspirando-nos em Saussure, poderíamos criar uma figura que procurasse traduzir em imagem a afirmação de Benveniste:

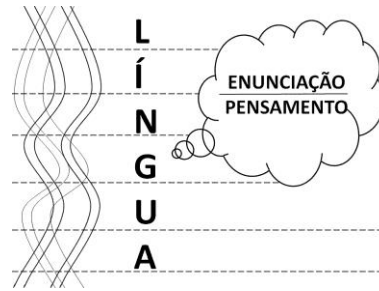


Figura 2: Volição obscura > LÍNGUA > expressão

Seja como “série de subdivisões contíguas” ou, mais especificamente, como “morfemas de certas classes, organizadas numa certa ordem”, o papel da língua é o de recortar e organizar o pensamento de forma a garantir sua transmissibilidade, sem ela, o pensamento pode ser reduzido a nada ou a algo “tão vago” (Benveniste), tão “indeterminado” (Saussure) que sua apreensão será impossível. Sem a língua como organizadora, restará a “massa amorfa” (Saussure), a “volição obscura” (Benveniste).

Nos trechos selecionados, outro termo importante do pensamento saussuriano/benvenisteano destaca-se: *forma*. Retornando a Saussure, lembramos que “a língua é uma forma, não uma substância” (SAUSSURE, 2004, p. 141). Percebe-se a importância de tal propriedade da língua, a de ser forma, para os dois linguistas quando postulam que o que há antes dela é uma “massa amorfa” ou uma “volição obscura” que, portanto, necessita da língua para ser passível de apreensão: o pensamento passa pela língua e toma sua *forma*. O grifo de Benveniste é abordado por Chloé Laplantine (2011) que o estende ao possessivo “sua” que o antecede. Para a autora, tal acento faz toda a diferença: “Benveniste, ao escrever que a língua dá “sua *forma* ao conteúdo do pensamento”, estabelece que o pensamento se realiza de uma forma que será

especificamente a sua, *sua* forma” (LAPLANTINE, 2011, p. 71, tradução nossa, grifos da autora). Segundo a linguista, “*sua* forma não é *uma* forma, as formas não são dadas de antemão” (LAPLANTINE, 2011, p. 71, tradução nossa, grifos da autora), o que afasta a posição de Benveniste de um posicionamento formalista.

No que poderíamos chamar de segunda parte do artigo *Categorias*, Benveniste recorre a Aristóteles e às suas categorias de pensamento para “entrar no concreto de uma situação histórica, escutar as categorias de um pensamento e de uma língua definidos” (BENVENISTE, 2005, p. 70). Após listar, analisar e comentar as categorias propostas pelo filósofo grego, Benveniste conclui:

Na medida em que as categorias de Aristóteles se reconhecem válidas para o pensamento, revelam-se como a transposição das categorias de língua. É o que se pode *dizer* que delimita e organiza o que se pode pensar. A língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas nas coisas pelo espírito. Essa tábua dos predicados informa-nos, pois, antes de tudo, sobre a estrutura das classes de uma língua particular. (BENVENISTE, 2005, p. 76).

A seguir, num terceiro momento do artigo, Benveniste propõe um confronto das noções aristotélicas — intimamente relacionadas à língua grega — ao fazer uma análise da noção de “ser” na língua ewe, do Togo. Tal exame coloca em evidência os diversos modos como as línguas resolvem diferentes relações. A partir do confronto operado, Benveniste aborda o que ele chama de “duas ilusões” que, segundo o linguista, fazem parte da natureza da linguagem: dar “a impressão de ser apenas um dos intermediários possíveis do pensamento” e incitar a “procurar no sistema formal da língua o decalque de uma “lógica” que seria inerente ao espírito e, pois, exterior e anterior à língua” (BENVENISTE, 2005, p. 79).

Nesse trecho do artigo, o último, Benveniste parece tomar um desvio. Se, no início do texto, afirmava que o pensamento necessitava tomar os quadros da língua, aqui é à linguagem que o pensamento é relacionado:

O vôo do pensamento liga-se muito mais estreitamente às capacidades dos homens, às condições gerais da cultura, à organização da sociedade que à natureza particular da língua. *A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade da linguagem*, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua. (BENVENISTE, 2005, p. 80, grifo nosso).

Note-se que, apesar de a análise que antecede esse trecho ser um estudo de línguas — o grego e o ewe —, é à natureza da língua — o sistema — que Benveniste se refere. Uma dissonância entre o texto em português, reproduzido anteriormente, e o original em francês chama a nossa atenção:

L'essor de la pensée est lié bien plus étroitement aux capacités des hommes, aux conditions générales de la culture, à l'organisation de la société qu'à la nature particulière de la langue. Mais la possibilité de la pensée est liée à la faculté de langage, car la langue est une structure informée de signification, et penser, c'est manier les signes de la langue. (BENVENISTE, 1969, p. 74, grifo nosso).

À exceção do “*mais*” — “*mas*”, em português — grifado por nós, a tradução do restante do texto é aquela que consta na edição brasileira dos Problemas de linguística geral. Esse “*mas*”, no entanto, influencia a compreensão que se pode ter a partir do trecho citado. Dentre as possibilidades de compreensão, sem o “*mas*”, podemos compreender, por exemplo, que “A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade da linguagem” porque essa faculdade também é uma das “capacidades dos homens”. A presença do “*mas*” impossibilita tal compreensão, uma vez que, como sabemos, o emprego dessa conjunção aponta para uma relação de oposição entre as partes que ela liga. Considerando-se o trecho com a presença do “*mas*”, pensaríamos que, apesar de o voo do pensamento estar ligado a esses elementos, é à linguagem, à língua — como é evidenciado pelo emprego do “*pois*” —, que a possibilidade de pensamento se relacionaria. Daí, poderíamos depreender que o pensamento, enquanto virtualidade, está ligado a algo que não é linguagem (portanto nem língua), mas, enquanto possibilidade de algo concreto, necessita da

linguagem/língua para se constituir pois “pensar é manejar os símbolos da língua”. Tal conclusão nos remete ao trecho já citado “recebe forma da língua e na língua, que é o molde de *toda expressão possível*” (BENVENISTE, 2005, p. 69, grifo nosso).

Embora Benveniste afirme que “pensar é manejar os símbolos da língua”, se “a possibilidade do pensamento liga-se à faculdade da linguagem”, acreditamos que há espaço para se pensar manifestações, expressões, do pensamento que, ligadas à linguagem, não sejam necessariamente ligadas à língua. É isso que acreditamos ser explorado no texto de 1969, *Semiologia da língua*.

Além disso, cabe-nos questionar a que se refere à expressão “o voo do pensamento”. De que estaria Benveniste tratando aqui? Uma coisa parece estar clara: há algo no pensamento que vai além daquilo que a língua expressa. A pergunta que fazemos, no entanto, é: esse “algo” pode também ser expresso?

Semiologia da língua (1969)

Em 1969, não foi em busca das estruturas do pensamento que Benveniste recorreu às artes. Ao escrever *Semiologia da língua*, publicado em 1969 na revista *Semiotica*, o objetivo do linguista sírio era comparar o que ele chamava ora de sistemas semiológicos ora de sistemas semióticos para determinar que lugar a língua ocuparia entre eles; tratava-se de buscar relações semiológicas entre esses sistemas — um passo importante para a constituição da semiologia cuja semente havia sido plantada pelo CLG mais de meio século antes.

O artigo inicia com uma breve explicação do signo em Peirce e de seu “edifício semiótico” (BENVENISTE, 2006, p. 45). Para Benveniste, apesar da genialidade de Peirce, a teoria peirceana não é operacional, pois não há um ponto fixo onde amarrar a primeira relação de significância, o que leva

Benveniste à pergunta “estes signos, sendo todos signos uns dos outros, de que poderão eles ser signos que NÃO SEJA signo?” (BENVENISTE, 2006, p. 45).

A principal diferença apontada por Benveniste entre o signo de Peirce e o de Saussure é a posição central que a língua ocupa na teoria do último. Enquanto que, em Peirce, “a língua está em toda parte e em nenhum lugar” (BENVENISTE, 2006, p. 44), em Saussure, a reflexão sobre signo tem origem na língua e a toma como seu objeto. Daí, a necessidade salientada por Saussure e admitida por Benveniste de se separar a linguagem — esse ente inclassificável — da língua — “por si só um princípio de classificação” (BENVENISTE, 2006, p. 47) e de tomar essa última como princípio de unidade dentre a multiplicidade da linguagem. A redução da linguagem à língua foi, portanto, uma operação de caráter metodológico que visava à garantia da cientificidade da nova ciência — a linguística.

Na segunda parte do artigo, Benveniste irá abordar aquilo que ele considerava “o problema central da semiologia, o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos” (BENVENISTE, 2006, p. 51). Para tanto, começa seu estudo pelos chamados “sistemas não linguísticos”, dentre os quais, “os signos da arte em sua variedade (música, imagens, reproduções plásticas)” (BENVENISTE, 2006, p. 51s). Segundo ele, o que há em comum entre todos os sistemas de signos, sejam eles linguísticos ou não, é sua propriedade de significar e de se compor em “unidades de significância, ou SIGNOS” (BENVENISTE, 2006, p. 52). O linguista elenca quatro formas de caracterizar um sistema semiológico: por seu modo operatório; por seu domínio de validade; pela natureza e número de seus signos; e por seu tipo de funcionamento. Veremos mais tarde que isso não constitui uma metodologia estrita para a análise dos sistemas em Benveniste.

Além dessa pequena listagem das formas de caracterizar um sistema semiológico, outra lista é proposta, a dos princípios que regem as relações entre sistemas semiológicos: o da não redundância — dois sistemas não estabelecem a mesma relação de significância, portanto não são mutuamente conversíveis — e o da não existência de signos trans-sistemáticos — signos

aparentemente iguais possuem valores únicos nos sistemas a que pertencem, portanto não são o mesmo signo. Além disso, Benveniste estabelece uma exigência metodológica: a de que as relações entre sistemas sejam elas também semióticas. Essas relações podem ser de três ordens: pode haver entre sistemas uma relação de engendramento, de homologia e/ou de interpretância. Num primeiro momento, Benveniste salienta a importância dessa última relação e inicia seu exame dos ditos sistemas não linguísticos procurando estabelecer se cada um deles é interpretante ou interpretado da/ pela língua. Nesse ponto, retorna à afirmação proposta no artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* de 1968 (BENVENISTE, 2006): a língua é o interpretante da sociedade. Dessa forma, “os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pela língua, jamais o inverso” (BENVENISTE, 2006, p. 55).

Benveniste analisa dois sistemas semióticos não linguísticos: a música e as artes plásticas. Nessas breves análises, estabelece alguns pontos importantes, mas deixa de abordar alguns dos aspectos que ele mesmo havia estabelecido. Durante a análise da música, chega à conclusão de que todo signo é uma unidade, mas nem toda unidade é um signo. Antes dessa análise, Benveniste havia listado alguns sistemas semióticos não linguísticos — dentre os quais a música figurava — e afirmou que o que os unia era o fato de que todos significavam e eram compostos de signos. Se, a seguir, Benveniste chega à conclusão de que a música é composta de unidades que não são signos, nos restam, inicialmente, ao menos duas conclusões possíveis: ou a música não é um sistema semiótico ou nem todos os sistemas semióticos são compostos de signo⁶. Logo após sua conclusão de que nem toda unidade é um signo, Benveniste afirma que “os sistemas fundados sobre unidades dividem-se entre sistemas com unidades significantes e sistemas com unidades não significantes. Na primeira categoria coloca-se a língua; na segunda, a música” (BENVENISTE, 2006, p. 59). Conclui-se, portanto, que a música é um sistema semiótico ainda que sua unidade não seja um signo.

⁶ Para uma interessante discussão a esse respeito ver Meschonnic (1997, p. 310).

A seguir, Benveniste examinou as artes figurativas (pintura, desenho, escultura). Nessa análise, o problema colocado é justamente a ausência de unidade. A significância da arte é dada por cada artista a cada vez. Segundo Benveniste, não há unidades abrangentes que tenham significado anterior à obra. Aqui, a conclusão a que chega Benveniste é que há, portanto, “sistemas em que a significância é posta pelo autor na obra” e “sistemas em que a significância é expressa pelos elementos primeiros em estado isolado” (BENVENISTE, 2006, p. 60). A língua possui justamente a característica excepcional de dispor de dois sistemas de significância.

Após essas análises, Benveniste vai tratar das relações semiológicas entre sistemas semióticos: engendramento, homologia e interpretância. À língua é atribuída a capacidade de interpretar todos os sistemas semióticos, ela “fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento”, ela é “a organização semiótica por excelência” (BENVENISTE, 2006, p. 63). A língua confere “a outros conjuntos a qualidade de sistemas significantes informando-os da relação de signo”, ela é “a grande matriz semiótica” (BENVENISTE, 2006, p. 64).

Na última parte do artigo, Benveniste afirma que o que faz da língua esse tremendo prodígio é seu modelo de dupla significância. O fato de que é composta de signos que possuem um significado estabelecido e compartilhado — o modo semiótico —, mas também engendra pelo discurso um modo de significância única a cada vez — o semântico⁷. O lugar da língua entre os sistemas semióticos é encontrado graças a essa dupla articulação:

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões (...) o privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nessa faculdade metalinguística

⁷ Pressupomos que o leitor esteja familiarizado com as noções de semântico e semiótico; caso contrário, recomendamos a leitura do artigo “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 220-242) e os verbetes “semiótico” e “semântico” do Dicionário de Linguística da Enunciação (FLORES *et al.*, 2009).

que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (BENVENISTE, 2006, p. 66).

Língua ou linguagem?

Que a língua possa interpretar os outros sistemas nos parece incontestável, uma vez que “nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem será formulada em sons, em cores, em imagens” (BENVENISTE, 2006, p. 61). É preciso, no entanto, retornar à nossa questão inicial: a língua é a única forma de expressão do pensamento? Retomando a imagem que criamos para ilustrar a afirmação de Benveniste, gostaríamos de propor uma alteração em que a linguagem ocupasse a posição de intermediadora entre a volição obscura e a expressão, incluindo aí os sistemas semióticos artísticos:



Figura 3: Volição obscura > linguagem > expressão

Para justificar tal proposta, sugerimos um estudo que comece por um retorno às formas de caracterizar um sistema semiológico propostas por Benveniste (BENVENISTE, 2006, p. 52) e aos princípios que, segundo ele, “dizem respeito às relações entre sistemas semióticos” (BENVENISTE, 2006, p. 53); pensando essas características e princípios como um grupo de critérios, retomamos a sua análise dos sistemas semióticos da música e das artes plásticas.

Aplicando o primeiro grupo de critérios, baseado na forma como, segundo Benveniste, um sistema semiológico se caracteriza, teríamos a tabela a seguir:

Um sistema semiológico se caracteriza por:	Música	Artes plásticas
Modo operatório	Auditivo	Visual; tátil.
Domínio de validade	Estético	Estético
Natureza e número de seus signos	Notas; n° fixo	Não há, a não ser em cada obra.
Tipo de funcionamento	Monofonia ou polifonia; harmonia/ contraponto.	Único; determinado por cada artista.

Tabela 1: Categorias de caracterização de um sistema semiológico

Em negrito, temos características que não foram mencionadas por Benveniste em suas análises. Pelo contrário, o linguista analisa “o funcionamento dos sistemas ditos artísticos, o da imagem e o do som, deixando de lado deliberadamente sua função estética” (BENVENISTE, 2006, p. 58). Vemos aí um problema que impede que a análise da música, por exemplo, possa avaliar a produção de significação desse sistema uma vez que, fora de seu domínio de validade, não há significação produzida por um sistema.

Voltemos aos princípios que tratam da relação entre sistemas. O primeiro deles nos informa que “não se pode ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela música, que são dois sistemas diferentes” (BENVENISTE, 2006, p. 53). Comparemos esse trecho àquele do texto de 1958 que diz que “por mais abstratas ou particulares que sejam as operações do pensamento, recebem expressão na língua. Podemos dizer tudo, e podemos dizê-lo como queremos” (BENVENISTE, 2005, p. 69). Em 1958, afirmava-se que tudo poderia ser dito através da língua; em 1969, que não poderíamos dizer pela fala e pela música a mesma coisa — isso é, que há coisas que se pode falar pela música e não pela língua (e vice-versa, obviamente). A música e os demais sistemas semióticos artísticos são expressões da linguagem; são sistemas capazes de propor relações de significância de que a língua não é já que expressam, “dizem algo”, que não se pode expressar pela língua.

Considerações finais

Acreditamos que, apesar de a língua ser, indiscutivelmente, um sistema privilegiado para a expressão do pensamento devido à sua dupla forma de significação — que permite uma comunicação intersubjetiva com a maior possibilidade de precisão —, ela não é o único sistema semiótico capaz de expressar o pensamento. Outros sistemas que também pertencem à linguagem, os sistemas semióticos artísticos, por exemplo, são capazes de expressar o pensamento humano dentro do domínio de validade de cada um. A redução da linguagem à língua — recurso de que Saussure lançou mão buscando garantir a cientificidade da linguística — e o uso eventual desses dois termos como sinônimos podem colaborar para que se pense a língua como única forma de expressão do pensamento.

Quando Benveniste dizia que

[a] forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade, mas primeiro a condição de realização do pensamento. (...) Fora isso, não há senão obscura volição, *pensamento que se descarrega em gestos, mímica*. (BENVENISTE, 2005, p.69 – grifos nossos).

não percebia que esse descarregar-se em gestos e mímica consistia também uma forma de expressão, uma forma corporal. Forma que evoluiu com o homem, com o desenvolvimento das artes e a criação de outras possibilidades de expressão. Esse descarregar é do homem, de seu pensamento que precisa se materializar de formas que a língua não permite.

Referências

- BENVENISTE, Émile. Categorias de pensamento e categorias de língua. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005 p. 68-80.
- _____. Catégories de pensée e catégories de langue. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*. Paris : Gallimard, 1966. p. 63-74.
- _____. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006. p. 43-67.
- FLORES, Valdir. BARBISAN, Leci. FINATTO, Maria José Bocorny. TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- LAPLANTINE, Chloé. *Émile Benveniste, l'inconsciente et le poème*. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
- MESCHONNIC, Henri. Benveniste: sémantique san sémiotique in NORMAND, Claudine. ARRIVÉ, Michel. (org.) *ÉMILE BENVENISTE VINGT ANS APRÈS*, 1995, Nanterre. *Actes du Colloque de Cerisy la Salle*. Nanterre: CRL - Université Paris X, 1997. 421 p.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

Recebido em março de 2013.
Aprovado em julho de 2013.